

SILÊNCIOS, SONHOS, PRODÍGIOS E NOMEAÇÕES: Uma hermenêutica de gênero de Mateus 1,18-25

Hermes Tonini

1. O Corpo

Como são belas estas máscaras

Como são feias e brutas essas máscaras.

Sou eu.

Eu as faço.

Me chamo mascareiro, mascarado.

Faz tempo, muito tempo... Tanto tempo faz que nem lembro mais quando começou... Talvez, seja desde quando comecei a andar ereto, obrigado a disputar comida com as feras e fixo em prover alimentos para mulher, filhas e filhos. Desde os tempos dos tempos, me sinto aprisionado na única máscara de quem possui a força, a única forma de poder, a determinação...a máscara daquele que precisa levar vantagem em tudo, pela fortaleza que costume aparentar.

Faz tempo, muito tempo, que nem lembro mais quando começou... Chego a sentir como se fizesse parte natural de mim esse tipo de ação, de procedimento, minha auto-suficiência a uso com tal desenvoltura e competência que nem consigo pedir ajuda quando preciso. Tal é a força, aprisionadora e fixa, da máscara que uso, que chego a confundir uma máscara com as infinitas possibilidades de máscaras e com o silencioso desejo falante da minha própria face que é o meu corpo.

Por trás da máscara da segurança, da fortaleza, da violência e do patriarcado, carrego o medo e o desejo da fragilidade, da vulnerabilidade, da precisão e de uma limitação sem fronteiras. Esses medos, que ao mesmo tempo são desejos, rondam e abraçam o meu coração, circulam e dão respiro a minh'alma, que são minhas veias...

Tenho medo e também desejo perceber que o tempo está passando e que sou mortal, como diz Adélia Prado:

“Descobri que há seu tempo vão me chorar e esquecer. Vinte anos mais vinte é o que tenho. Nesse exato momento do dia vinte de julho de mil novecentos e setenta e seis, (ou: dezessete de janeiro de dois mil e cinco – meu aniversário) o céu é bruma, está frio, estou feia, acabo de receber um beijo pelo correio. Quarenta anos! Não quero faca nem queijo. Quero a fome”¹.

1. ALVES, Rubem. *Cenas da Vida*. 8ª. ed., Campinas: Papirus, 2003, p. 55.

Quero a fome. Abraço o medo e o desejo de admitir minha fragilidade, de tirar a máscara da imortalidade que uso. Quero virar humano... Humanos...

Canto a doce tristeza da ausência e minha esperança. Um dia, e este dia é hoje, o poder será dado à ternura e ao cuidado.

Outras masculinidades são possíveis!

2. Os corpos e suas prisões

Nas sociedades pan-ocidentais contemporâneas certo modelo de homem está em baixa. O homem não é mais o todo poderoso, dono da fala normativa. A atual e verdadeira crise do masculino tem a ver com uma mudança profunda ocorrida no último século nas sociedades pan-ocidentais. Esta mudança está relacionada com os novos modos de produção e consumo, das lutas organizadas das classes camponesas, operárias e empobrecidas (especialmente no contexto latino-americano), dos movimentos feminista e homossexual e dos movimentos de resgate e reconhecimento da história e cultura de afro-descendentes e indígenas. Todos eles representam, implícita ou explicitamente, uma crítica ao modelo hegemônico de masculinidade: o homem branco, rico, violento, heterossexual e androcático.

Por um lado, as reflexões sobre masculinidades, especialmente no campo das ciências humanas e da literatura, já possuem um significativo caminho percorrido. Na América Latina esse fenômeno começou especialmente na última década, e aumentam, cada dia mais, as reflexões sobre esse tema.

De outra parte, nos setores intelectuais e progressistas que trabalham nos âmbitos eclesiais e populares, proliferam grandes números de reflexões sobre teologia, economia, política, direitos humanos, educação, etc. Mas, como relata Elza Tamez², falta uma maior correspondência entre essas reflexões e os estudos de gênero. Os contatos entre as duas perspectivas são muito raros e, não porque não se tenha consciência da existência de ambas, mas porque se considera o tema de gênero como secundário e “não urgente”.

Por outro lado, existe a “ausência” do tema da masculinidade, tanto nos espaços eclesiais, como nos espaços populares. Esse tema não está sendo assumido nem explicitamente, nem teoricamente. O que não acontece com o tema do feminismo que, pelo menos nos espaços da sociedade civil e dos meios populares, já possui um significativo caminho percorrido. Caminho rico, onde as reflexões sobre masculinidades encontram fontes para beber.

Parece-nos importante ressaltar quatro aspectos a respeito da nossa reflexão de gênero a partir da experiência de homens:

- 1º) No gênero, as masculinidades, como as feminilidades, são, antes de tudo, uma construção social ou cultural, resultado de uma acumulação simbólica e

2. TAMEZ, Elza. El sujeto viviente “racializado y generizado”. *Pasos*, n. 88, San José: DEI, 2000, p. 15-16.

histórica que remonta aos inícios da humanidade. É importante ressaltar que, nessa construção, o aspecto teológico jogou um papel decisivo.

2º) Existem nos estudos de gênero múltiplas masculinidades, definidas por situações diversas, como, posição social, vivência e construções sexuais, identidade étnica e cultural, experiências e opções pessoais de vida, etc.

3º) Percebemos nos estudos de gênero, a existência de uma masculinidade hegemônica.

4º) Está posta e formulada, nestes estudos, a crise da masculinidade tradicional.

Percebemos, porém, que existe, entre as múltiplas masculinidades, um paradigma *androcêntrico e androcático, dominante, tradicional e hegemônico*³.

Uma das características desse paradigma é seu caráter dualista e hierárquico⁴.

Nestas características dualistas e hierárquicas do paradigma de masculinidade androcêntrico, androcático, dominante, tradicional e hegemônico identifica-se normalmente o subjetivo, a arte, a natureza, o espírito, o privado com o feminino; o contrário com o masculino. Nessa forma paradigmática, não só se separa (*dualismo*), mas se valoriza, exclusivamente o “pólo” masculino como bom e importante (hierarquização).

O paradigma androcêntrico, dualista e hierárquico, é possível graças à associação que as sociedades patriarcais fazem entre a masculinidade e a capacidade do homem de exercer o domínio, isto é, o poder “sobre”.

Percebemos que, além da construção social, as masculinidades possuem também uma construção simbólica.

Na masculinidade hegemônica, dominante e androcêntrica, existe uma construção simbólica: *falocêntrica*. Aqui o falo adquire, indiscutivelmente um significado e um valor superiores.

O falo vira o elemento para determinar a “superioridade”, que, de simbólica, se faz “natural”, do homem sobre a mulher. Legitima-se assim, uma relação violenta de domínio inscrevendo-a na “naturalidade biológica”. Chamamos esse processo de *sexismo*:⁵ “o sexismo é um essencialismo, igual ao racismo étnico ou classista. Busca atribuir diferenças sociais, historicamente construídas, a uma natureza biológica, que funciona como uma essência de onde se deduzem de modo implacável, todos os atos da existência”⁶.

3. REYES-ARCHILA, Francisco. Otra masculinidad posible: un acercamiento bíblico-teológico. *Quaestiones*. Bogotá: Dimensión Educativa, v. 5, 2003, p. 17-60.

4. BOFF Leonardo. Lo masculino en el horizonte del nuevo paradigma civilizacional. *Alternativas*, nº 16/17, 2000, p. 203.

5. Sobre essa abordagem vale a pena conferir a obra de REUTHER, Rosemary. *Sexismo e religião*. São Leopoldo: EST, Sinodal, 1993.

6. BOURDIEU, Pierre. La dominación masculina. In: *La masculinidad: aspectos sociales y culturales*, Quito: ABYA-YALA, 1998, p.29.

Queremos afirmar que são os corpos, e neste caso os nossos corpos de homens, os tecidos-textos-territórios em que papéis sociais, culturais, de gênero e sexualidade são significados. São os corpos, e neste caso, corpos masculinos, os que resistem ou perpetuam um sistema que oprime os seres humanos. São os corpos, e neste caso, os corpos masculinos e suas experiências, o nosso ponto de partida hermenêutico e epistemológico.

Nasce das múltiplas experiências de violências praticadas por corpos de homens, então, uma primeira pergunta da Vida, do corpo, dos nossos corpos de homens para a Bíblia: existem possibilidades e passos para que os nossos corpos de homens, construídos numa masculinidade hegemônica, androcêntrica e sexista possam construir novas relações e dar territórios, fronteiras de alma para outras masculinidades?

Quem muito fala de pátria, nos discursos, que não só hoje, enchem o vazio de tantas bocas abertas e violentas, muitas vezes desconhece o respeito por essa primeira casa. É por essa “oikoumene”, por essa casa que é comum a todos e a todas, que nasce a pergunta da Vida para a Bíblia.

Queremos falar desta pátria que não é “terra do pai”, como explica a etimologia, desta mátria que não é ainda terra e colo de mãe, mas que pode ser uma e outra se nos lembrarmos que o corpo é “Terra de Vida” e que essa Vida é a primeira palavra sagrada.

As necessidades do corpo, dos corpos – estatutos de alma – não possuem representantes oficiais nos parlamentos e nas igrejas. As Pátrias/Mátrias/Terras de Vida de corpos não possuem fronteiras seguras porque se confundem e se misturam na “parcialidade” na “provisoriedade”, na “ambigüidade”, na “diversidade” e na “simultaneidade” dos abraços e das relações recriadas que se reajustam nos silêncios e nas ausências⁷.

Tantas Pátrias/Mátrias/Terras de Vida, tantos gêneros e masculinidades, quantos são os seres humanos que procuram outras masculinidades, não alicerçadas no dualismo hierárquico, no androcentrismo e na violência sexista. Tantos corpos de homens, estatutos de almas, tantas alianças e cooperação, quanto é grande em cada um a possibilidade de fazer nascer amor, amizade, ternura, cuidado, compaixão... silêncio...⁸

3. O silêncio e a fala

Aristóteles, no seu escrito sobre “a Política”, afirma: “É justo este jeito que une o natural e o político: a superioridade “natural” do macho lhe impõe “governar”, ou seja, instaurar uma ordem política (...) Temos que admitir que, num certo sentido, a mulher *não pode falar*. Ou por natureza, ou porque, pela lei dos homens não é justo que ela fale para governar”⁹.

7. “Respiros: entre transpiração e conspiração” este artigo é resultado coletivo do encontro das mulheres biblistas da revista *RIBLA, Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* (texto a ser editado em 2005).

8. LANFRANCO, Mônica & DI RIENZO, Maria. *Donne disarmanti, storie e testimonianze su nonviolenze e femminismi*. Napoli: Intra Moenia, 2003.

9. ARISTOTELE. *Opere*, vol. IX, I(A), 2, 1252b Bari: Laterza, 1.

O mesmo filósofo afirma que o homem é, por natureza, um ser social. Percebemos que aptidão para a vida política é dada ao homem *através do uso da palavra*. Presumindo que a mulher e os filhos sejam os primeiros destinatários da lei de quem governa, parece que Aristóteles alicerça a hierarquia familiar sobre uma hierarquia natural. Mas, sendo que a mulher se encontra perfeitamente em condição de falar, e o mesmo Aristóteles afirma que o homem e a mulher são ambos livres, nasce a suspeita que o silêncio da mulher seja mais político que natural¹⁰.

Além da dupla “fala-silêncio”, a estrutura androcêntrica, falocêntrica e do essencialismo sexista, está sempre associada a outras duplas conceituais, por sua vez hierarquizadas, que qualificam e reforçam a oposição, masculino-feminino. É o caso, por exemplo, do dualismo “ativo-passivo”. Quaisquer que sejam os traços diferenciais assumidos para descrever a diferença sexual, o masculino é sempre ativo, enquanto o “passivo” qualifica o feminino, pelo menos na tradição pan-ocidental. Assim, o princípio gerador masculino é ativo, em Aristóteles, e a matéria nutritiva é passiva.

Seria menos pertinente considerar o desejo de filhos e a fecundidade feminina como elemento determinante da sexualidade e, então, se perguntar se o homem não se define também pela sua incapacidade de parir. É o que faz Antoinette Fouque quando escreve: “*Nascer homem, em grande parte, se sentir excluído do fazer nascer*”¹¹.

Poderíamos assim opor ao falocentrismo o valor absoluto da fecundidade feminina, subvertendo desta forma as subvenções tradicionais. Seria tentador pensar que o sonho grego de uma memória “exclusivamente paterna” constitua um sintoma da *inveja masculina da fecundidade*.

Constata-se que, por exemplo, nos mitos gregos como o da “autoctonia”, onde se fazem nascer os cidadãos de Atenas do solo da pátria (autóchton), têm o efeito, como demonstra Nicole Loraux, de suplantar o casal parental e de cancelar a Mãe Terra, em prol da terra dos pais, exclusivamente masculinos¹².

“O problema da resposta e da diferença androcêntrica, nos conduz sempre de volta ao mistério do nascimento. Poderíamos vislumbrar no mito cristão da Encarnação, um jeito de estabelecer entre Deus Pai e seu Filho uma filiação exclusivamente paterna, direta e misteriosa”¹³.

Mas o papel da virgem Maria e de José intervém para permitir e impedir ao mesmo tempo esta filiação. Permite-a, porque a virgem concebe sem relação sexual, então, sem pai. O Deus Pai que “envia” um filho para Maria gera a si mesmo sem uma mulher. A Encarnação acontece fora da relação genital entre dois sexos, mas não fora da relação recriada entre dois gêneros e entre dois sexos. De um lado, a relação Deus Pai/Cristo Filho sem mulher, mas, ao mesmo tempo, a relação José/pai na reinvenção

10. ARISTOTELE, Op. Cit., I(A), 2, 1252 a-1253a.

11. FOUQUE, Antoinette. Ci sono due sessi. In *Le Débat*. Paris: Gallimard, 1995, p.175.

12. LORAUX, Nicole. *Né de la terre-mythe et politique à Athènes*. Paris: du Seuil, 1996.
—, *Les enfants d’Athènes*. Paris: du Seuil, 1990.

13. AGACINSKY, Sylviane. *La politica dei sessi*, Milano: Ponte delle Grazie, 1998, p. 98.

da relação homem-mulher-filho-mulher-homem. De outro lado, a relação Mãe /Cristo Filho, sem homem, mas ao mesmo tempo, a relação Maria/Jesus na reinvenção da relação mulher-homem-filho-homem-mulher. Com a maternidade de Maria, o mistério da Encarnação estabelece assim uma maravilhosa ligação: o Cristo nasce de um pai e de uma mãe, José e Maria, sem que entre eles tenha havido uma relação genital, da forma colocada pela política androcêntrica.

O mistério da Encarnação nos parece sublinhar aqui o da relação – ou da não relação – ou das novas relações, entre os sexos.

Na concepção de hoje o feminismo seria a *construção social* da liberdade das mulheres através da paridade com os homens, paridade de direitos e oportunidades, assim afirmam os estudos clássicos da teoria de gênero. Mas, como afirma a filósofa feminista italiana, uma das representantes do pensamento da filosofia da “diferença”, Luisa Muraro:

“O que aconteceu com o feminismo é o contrário: é a geração de um senso livre daquilo que uma mulher é ou pode ser por si mesma, na relação com as outras e os outros, independentemente das construções sociais de sua identidade”¹⁴.

É esta afirmação mística da filosofia feminista da diferença que queremos, com humildade emprestar, para perguntar da Vida para a Bíblia, pela geração de um senso livre, daquilo que um homem é, ou pode ser por si mesmo, na relação com os outros e as outras, independentemente das construções sociais.

Para que isso aconteça precisamos que, junto com o pensamento, passe entre nós também alguma coisa ignorada e silenciada, cega e emudecida, impensada e impensável, que se estende fora do mundo dos sinais e das palavras.

Por que esta inusitada necessidade? Porque, a pergunta da Vida para a Bíblia e da Bíblia para a Vida, outra coisa não é, a não ser “respiro de espiritualidade”.

Porque, primeiro, se não abrirmos as fronteiras do nosso pensar e não as deixarmos permeáveis ao nosso mesmo não-pensar, não fazemos “utopias”, porque é neste “lugar” sem fronteiras de cânones lógicos, ou critérios de normas, que temos a ver com o que chamamos, gaguejando, Deus(a)¹⁵.

A língua sabe formular frases e palavras dotadas de significado, mas também – e esta é a coisa extraordinária – privadas de significados, ou seja, faltantes do essencial. As palavras faltantes do essencial assumem a ausência de significado, como o próprio significado. O essencial, que normativamente para as palavras é ter sentido, acontece no tempo mágico da *geração*, na ausência de sentido e na ausência da palavra.

“Eu pensava que o nosso silêncio de feministas a respeito de Deus fosse indiferença. Precisei de tempo para descobrir que, dentro do nosso silêncio a respeito de Deus, estava uma invenção de liberdade”¹⁶.

14. MURARO, Luisa. *Il Dio delle Donne*. Milano: Mondadori, 2003, p. 25.

15. Luisa MURARO, Op. Cit., p. 27-28.

16. Luisa MURARO, Op.Cit., p. 47.

Falar uma língua viva não é combinar palavras segundo regras pré-estabelecidas. É inventar sempre novas combinações podendo assim adivinhar o que somos e o que acontece. Adivinhar o ausente, o não dito, o silenciado, o entre dito, o mal dito, as estrelas e as grutas... Sim, adivinhar... É o que faz a poesia, na sua forma mais livre e feliz, mas é o que faz também a ciência livre do dogmatismo.

É o que faz o silêncio, livre das normas hierárquicas, dos códigos pré-estabelecidos para as palavras. É pelo silêncio de José que minha vida, meu corpo de homem quer perguntar para a Bíblia.

No silêncio sobre a Vida e o Mistério, existe uma invenção de liberdade que aprendi na arte da vida cotidiana de minha mãe Rosina, costurando panos e retalhos, tecendo fios... Desmanchando e re-tecendo de novo, novos pontos, novos desenhos, novas formas...

“É uma invenção que tem algo em comum com a arte de desfazer malhas. Hoje essa é uma prática em desuso, mas as mulheres de mais idade lembram ainda. Desfazer uma malha consiste, em breve, fazer o trabalho ao contrário. De sua confecção final, as mãos desfazem a malha habilidosamente através das vicissitudes ordinárias e extraordinárias: manchas de molho, sangue ou outra coisa, buracos, costuras, bordados, remendos... Esta arte possui a boa característica que terminado o trabalho de desfazer, nas mãos da artista que, normalmente, é mulher, mas também pode ser homem, restam os novelos de fio a disposição para novas obras ou outros tipos de trocas. Enfim, um outro ponto de partida”¹⁷.

É por estes novos pontos de partida hermenêuticos, frutos da experiência e da desconstrução, que a hermenêutica feminista nos presenteia, que quero perguntar para os corpos dos homens, que são textos e para os textos da Bíblia que são corpos.

Não existe liberdade sem o trabalho do negativo, assim como o chamam as filósofas feministas da diferença¹⁸. Este trabalho de liberdade consiste em dissolver, distinguir, dividir, também as coisas que nos parecem andar “normalmente” juntas, combater e até destruir também as coisas consolantes como idéias e valores. É a mesma liberdade que faz esse trabalho e corresponde ao movimento espontâneo dos desejos e do pensamento.

O silêncio se faz invenção de liberdade quando descobre que a mesma liberdade foi precedida por um dom: o da Vida e da Palavra. Pode ser que, nessa passagem, precise ser procurado o essencial da civilização humana, passagem onde à liberdade não possui ainda esse nome e se chama *gratidão*. Chama-se *dádiva*. É com esse nome que ela se despede da negatividade literalmente destruidora do que a impede, e reencontra a memória e, então, o desejo do que a precede. Quando não acontece gratidão e perdão pelo negativo não acontece o processo de cura através da memória¹⁹.

17. Id. Ibid., p.47.

18. IRIGARAY, Luce. *Sessi e genealogie*. Milano: La Tartaruga, 1989.

19. A respeito das antigas raízes da palavra memória: MI, ver: Maria Soave BUSCEMI, *Luas... Contos e en-cantos dos evangelhos*, São Leopoldo/São Paulo: CEPI/Paulus, 2000, p. 59.

Existe sempre algo que não cabe nas formas arrogantes, objetivas e universais, na língua da única masculinidade dogmatizada. Alguma coisa que fica fora, atrás, escondida. Alguma coisa de muito real, que não conseguimos pensar que possa ser pouca coisa. Algo que poderia ser o essencial. Poderia ser algo do qual mais sentimos falta.

Quero perguntar, com minha experiência de homem, nas suas sombras e luzes, por este “algo que não cabe”, pelo silêncio do que fica escondido na Vida e na Bíblia, como espaço de hierofania, de revelação-escondimento do Sagrado e de nova possibilidade de *geração* de masculinidades e de relações recriadas.

4. Sonho e realidade

“Era uma vez um menino...”

Assim começam as fábulas.

“Era uma vez...”

São essas fórmulas que, por séculos, possuíam o dom de desmanchar as palavras dos nós da mesmice normativa e patriarcal dos sentidos e de desatar os ouvintes do lugar e do tempo no qual eram obrigados a estar. Estas fórmulas os levavam para “u-topias”, lugares e tempos que ainda não tinham nem lugar e nem tempo mas que poderiam ter, tempo e lugar, logo, ao som da palavra...

“Era uma vez...”

Fórmulas que autorizavam os corações, que são as mesmas coisas da mente, a evadir, não da realidade, mas da sua monotonia, da sua fixidade e normatividade; da sua surdez.

O dom do ouvir, que pertence às crianças e aos idosos, pode também ajudar a nós homens, que somos obrigados a repetir papéis forçados pela norma do progresso e da eficiência das relações. As fábulas no sentido literal de “fabuloso” – o que abre os corpos para a maravilha, a gratidão, a possibilidade – não param de ensinar que existe algo além da realidade revelada e como abrir caminhos até lá. São esses caminhos da “teologia fabulosa” que procuro nos corpos da Vida e da Bíblia.

Quero perguntar pelos corpos da vida que são seus sonhos, como afirma a psicoterapia, quando nos relata a relação dos sonhos com o corpo. Os sonhos organizam a maneira de estarmos no mundo com nossos corpos e de com habitamos os corpos onde vivemos.

“O escritor argentino Jorge Luis Borges escreveu um conto sobre um homem que desejava ter um filho. O homem começou a sua criação sonhando este filho parte por parte, por um período de muitas noites. Ao terminar, ele rezou para que o deus do fogo conferisse vida ao filho sonhado. O conto termina quando o sonhador descobre que ele próprio, assim como a sua criação, é também criação de um sonhador.

Os sonhos são uma maneira do corpo manter uma relação continuada entre, de um lado, o corpo herdado e seu cérebro profundo e, de outro, o corpo pessoal do córtex ou cérebro novo. Os sonhos são, então, parte da realidade da vida do corpo.

Os sonhos mostram aquilo que está se formando, mas, ainda não está totalmente realizado”²⁰.

É sobre sonhos, peles de alma, adivinhos, reinventores e construtores, de relações e de corpos, que quero perguntar para a Bíblia.

5. O texto

Entre os estudiosos do Evangelho de Mateus é de comum acordo, hoje, que o chão onde brotou esse evangelho são as comunidades judeu-cristãs do norte da Galiléia e da Síria. É também de comum acordo que sua redação final se deu em torno do ano 85 dC. É também de comum acordo entre os estudiosos que sua redação final seja de um redator, ou um grupo de redatores, de uma escola de rabinos e escribas cristãos de Antioquia.

O evangelho de Mateus pertence ao chamado grupo da segunda geração cristã do movimento de Jesus, ou dos chamados escritos do período subapostólico. Nos anos 80, as testemunhas oculares e da palavra de Jesus, todas já haviam morrido, faz-se necessário e urgente o registro por escrito das várias tradições.

Das comunidades do norte da Galiléia e da Síria, constituídas de pessoas pobres e exploradas, surge o evangelho de Mateus. Para enfrentar tantos problemas as comunidades tiveram de criar instituições, organizar papéis e funções de seus membros, definindo normas de comportamento dentro e fora do grupo. Esses fatos moldaram as comunidades que estão por detrás do evangelho de Mateus.

Hoje, através da prática eclesiológica das CEB's e da Leitura Popular da Bíblia, podemos nos aproximar mais do sentido original do evangelho. O evangelho de Mateus nos é apresentado como *Evangelho da justiça dos pobres*.

O fio vermelho que perpassa todo o evangelho de Mateus é de que as pessoas empobrecidas e oprimidas são as portadoras da novidade evangélica, são depositárias da promessa e realização do Reino, da sabedoria de Jesus e da nova prática de vida comunitária, centrada no cuidado da vida e na defesa da mesma (Mt 25; 18,6). São apresentadas como novo sujeito histórico “capaz de transformar as estruturas da história: a sua força é a graça que transforma o sentido da economia, da política, da ideologia dominante, transforma até mesmo o velho sistema da lei, edificado e estratificado em torno do templo de Jerusalém”²¹, enfim, a prática e a vivência da comunidade de discípulas e discípulos de Jesus é a possibilidade de recriar relações que geram uma nova humanidade, um Novo Homem e uma Nova Mulher.

20. http://w.w.w.bapera.com.br/REVISTA/Psicoterapia/Sonho_e_o_corpo.htm; Stanley Keleman/Center of Energetic Studies;center@holonet.net.

21. GORGULHO, Gilberto & ANDERSON, Ana Flora. *A justiça dos pobres – Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 8.

5. 1. *Uma possível estrutura de Mt 1–2*

A. Genealogia (1,1-17)

Memória da Salvação

Releitura da Libertação

B. O sonho de José – Novo Homem (1,18-25)

C. Os magos (2,1-12)

“Os outros”

O evangelho para as *peessoas* empobrecidas

A' Fuga do Egito (2,13-15)

Memória da Salvação

Releitura da Libertação

B' Matança das crianças, Herodes – Velho Homem (2,16-18)

C' Retorno do Egito na Galiléia (2,19-23)

“Os outros”

O evangelho para as *peessoas* empobrecidas

5. 2. *Uma possível estrutura para Mt 1,18-25*

1. A origem de Jesus Cristo (v. 18a)

2. O contexto da situação da gravidez de Maria (v. 18b-19)

a. Introdução a respeito da gravidez

b. José, justo, que quer repudiar Maria

3. O sonho de José (v. 20-23)

a. A fala do anjo no sonho

b. O midraxa da Escritura

4. O desfecho da situação (v. 24-25)

a. José acorda e age conforme o sonho

b. Nasce um menino e o nome é Jesus

5.2.1. *A origem de Jesus Cristo (v. 18a)*²²

“A origem de Jesus Cristo foi assim”.

O texto apresenta a problemática da narrativa.

Nesta construção de introdução narrativa, o texto parece nos mostrar que a “gênese” de Jesus não vai responder às construções clássicas, normativas e hegemônicas, a respeito do “mito do nascimento de um herói”.

Parece-me apresentado, nesta introdução narrativa da perícopes, um primeiro passo da reflexão de fé da comunidade de Mateus, recuperando, na importante teologia messiânica, a subversiva construção de masculinidade de José, homem que não responde ao sistema hegemônico do patriarcado judaizante. Homem companheiro-partícipe, silencioso, do nascimento “outro” de Jesus, o Messias.

5.2.2. *O contexto da situação da gravidez de Maria (v. 18b-19)*

“Maria, sua mãe, comprometida em casamento com José, antes que coabitassem, achou-se grávida pelo Espírito Santo. José, seu esposo, sendo justo e não querendo denunciá-la publicamente, resolveu repudiá-la em segredo”.

Maria encontra-se grávida sem a coabitação com José.

“Trata-se de um casamento juridicamente ratificado, já que dava início à transferência da moça do poder paterno para o marido, dando a este direitos jurídicos sobre ela e concedendo à noiva, em muitos aspectos, o status de mulher casada... A segunda fase era o casamento propriamente dito, a transferência da moça para a casa do marido... Presumia-se que a moça era virgem na época do noivado e, ao menos na Galiléia, também na ocasião da conclusão do casamento”²³.

Existe, logo na introdução narrativa, a questão posta. O filho que irá nascer é de Maria mas não é de José. Notamos que também em linearidade narrativa com a precedente perícopes que dá início ao evangelho, José é apresentado como o esposo de Maria (1,16), e não é apresentada Maria como esposa de José, como a formulação normativo-patriarcal manda, ainda hoje, apresentar as esposas.

“A primeira gênese de Jesus é a sua genealogia desde Abraão até José. São 42 gerações exatas (seis vezes sete gerações). Com Jesus começa a última geração (1,17). Assim Mateus situa Jesus na história de Israel, desde Abraão até José.

O eixo, nesta gênese de Jesus, são somente homens. É uma gênese totalmente patriarcal. Não obstante há quatro mulheres que rompem de forma violenta este patriarcalismo: Tamar, Raab, Rute e Betsabéia, a mulher de Urias. Todas são estrangeiras (araméia, cananéia, moabita e hitita, respectivamente) e todos os seus matrimônios não são regulares.

22. A versão usada para este estudo é a da Bíblia de Jerusalém.

23. Jane SCHABERG. As antepassadas e a mãe de Jesus. *Concilium*, n. 226, p.119-120.

Estas mulheres estão anunciando a outra mulher: Maria a mãe de Jesus, que é protagonista da segunda gênese (1,18-25). Maria concebe Jesus por obra do Espírito Santo, com o que rompe a linha patriarcal da gênese de José, seu esposo. O Espírito irrompe na história através de Maria. É esta mulher que rompe o patriarcalismo de mais de 1800 anos, desde Abraão até José”²⁴.

Suspeito, desconfio, que não só o Espírito irrompe na história através de Maria, mulher que rompe com o patriarcalismo, mas que Maria e José, com sua relação recriada e reinventada, fora dos muros do patriarcalismo hegemônico, reconstruindo também novas masculinidades, rompem com o patriarcalismo de 1800 anos, desde Abraão.

Até o v. 19, José não aparece na narrativa desta perícopie. A partir deste versículo, é apresentada uma sua inicial reação, através, não do uso direto da palavra, mas através de uma reflexão indireta: “José, seu esposo, sendo justo e não querendo denunciá-la publicamente, resolveu repudiá-la em segredo” (Mt 1,19).

Parece-me que, este versículo tenha um papel decisivo para a compreensão desta perícopie. Muitos estudiosos afirmam isso, o que não significa, contudo, que o texto tenha sido lido adequadamente no seu processo interpretativo, pelo menos de forma adequada aos anseios de homens que querem gerar outros processos de masculinidades, na superação da masculinidade patriarcal e hegemônica.

A intenção colocada em José é clara: ele, sendo marido, mesmo que o casamento não tenha sido consumado, decide repudiar a mulher. O repúdio está ligado a um caso de adultério. Mas, de onde vinha a lei contra o adultério? Vejamos: “se um homem adúltero com a mulher do seu próximo, será morto o adúltero e a adúltera” (Lv 20,10; Dt 22,22). Na Bíblia existe um único caso de adultério no qual a pena é o apedrejamento: “*Se houver moça virgem, desposada e um homem a achar na cidade e se deitar com ela, então trareis ambos à porta daquela cidade e os apedrejareis até que morram; a moça porque não gritou na cidade e o homem porque humilhou a mulher do seu próximo; assim eliminarás o mal do meio de ti*” (Dt 22,23-24).

Seria impróprio, como afirma Carolyn Presseler²⁵ definir a importância do consentimento ou não da mulher no ato sexual.

“Na lei deuteronomica nunca a ofensa é contra as mulheres. A sexualidade feminina e a capacidade reprodutiva das mulheres são sempre vistas como propriedades masculinas, ou do pai ou do marido. A violação da sexualidade da mulher ou seu uso fora do domínio do marido ou do pai é uma grave ofensa contra a honra e os direitos destes. As leis do deuteronomio se negam a considerar o corpo e a identidade sexual da mulher, negam sua vontade e desejo sexual, seu direito a fa-

24. RICHARD, Pablo. Evangelho de Mateus: uma visão global e libertadora. *RIBLA*, Petrópolis: Vozes, v. 27, 1997, p. 11.

25. Carolyn PRESSELER, Violência sexual e lei deuteronomica, In: *De Êxodo a Deuteronomio, a partir de uma leitura de gênero* (Athalya Brenner, org.). São Paulo: Paulinas, 2000, p. 111s.

lar, escolher, determinar, se abrir, gozar, consentir ou recusar... cancelam o direito das mulheres à integridade sexual.

No caso do adultério e da pena do apedrejamento em Dt 22,23-24, trata-se de um caso de relação sexual com o consentimento (ela não gritou na porta da cidade onde poderia ser ouvida) da mulher virgem prometida em casamento.

O fator importante na lei é o status conjugal da mulher, define a natureza da ofensa e a severidade da pena. Uma relação sexual de uma mulher virgem que escolhe um homem diferente do marido que seu pai escolheu para ela, a relação sexual de uma mulher sujeito de suas escolhas violam gravemente o direito de seu marido à posse exclusiva da sexualidade dela. Desta posse o poder patriarcal e machista, desde os tempos mais remotos, não quer abrir mão”²⁶.

Pensa-se, normalmente, que esta trágica decisão tenha sido suavizada, matizada, através da decisão de atuar o repúdio em forma secreta. Tudo isso porque “José, seu esposo, sendo justo...” Em que sentido, então, José era justo?

Segundo Xavier Leon-Dufour²⁷, José é justo, não porque observa a lei que autoriza o divórcio em caso de adultério, nem porque se mostra complacente, nem em razão da justiça que deveria a uma inocente, mas pelo fato de não querer passar por pai do filho de Deus.

Sem querer diminuir estas apropriadas afirmações, gostaria também de abrir a possibilidade da leitura de José como “homem justo” à luz crepuscular, da periférica fronteira interpretativa, a humilde polissemia do texto, a respeito da forma do repúdio... *secretamente*...

José não quer, segundo o texto, repudiar Maria em praça pública ou na porta da cidade. José não quer “lavar sua honra” de homem prisioneiro da masculinidade hegemônica nos duros códigos de honra e vergonha.

José, homem ainda prisioneiro vencido na prisão da única masculinidade patriarcal, tenta o ensaio de um primeiro passo de desconstrução... *secretamente*...

A defesa da Vida, da criança e da mulher, começa a vingar, no corpo deste homem, como ponto de partida hermenêutico dos duros códigos da lei do Deuteronômio. Códigos que faziam sangrar os corpos de mulheres e os muitos corpos em verdadeira relação de homens. Corpos em desejos de “outras masculinidades”. Corpos em desejos de outros pontos de partida, que não fossem nem só partida e nem só chegada... que fossem caminhos... que fossem travessia... Corpos que diziam não à violência da pedra, das leis e das lapidações!

26. BUSCEMI, Maria Soave. De corpos, pavores e utopias. *Estudos Bíblicos*, São Leopoldo, Petrópolis: Sinodal, Vozes, v.75, 2002, p. 90.

27. LEÓN-DUFOUR, Xavier. *Estudios de evangelio*. 2a. ed., Madrid: Cristiandad, 1982, p. 81.

5.2.3. O sonho de José (v. 20-23)

“Enquanto assim decidia, eis que o Anjo do Senhor manifestou-se a ele em sonho, dizendo: ‘José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, pois o que nela foi gerado vem do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho e tu o chamarás com o nome de Jesus, pois ele salvará o seu povo dos seus pecados. Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor havia dito pelo profeta:

Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho
E o chamarão com o nome de Emanuel,
O que traduzido significa: *Deus está conosco*”.

A forma narrativa desloca o texto dos acontecimentos da realidade para o pensamento e o “parto da reflexão”, nas dores da geração de “outras ordens simbólicas”. O caminho narrativo nos leva para o espaço onírico do sono, do sonho e da visão, para a reinvenção dos corpos e das relações.

O corpo de José que sonha, se faz espaço epistemológico. O corpo de José que sonha é interprete surpreendente da realidade. Um interprete silencioso, interpretante de outros silêncios. O silêncio de Maria e da criança, corpos silenciados e emudecidos pelos senhores violentos e patriarcais das leis e dos templos. O silêncio do próprio corpo, corpo de homem aprisionado, como se na ausência da palavra, falasse a presença de algo que vai além da palavra, nas profundezas da espiritualidade de um outro mundo possível, nas profundezas da espiritualidade nas relações recriadas. O corpo de José que sonha, se faz espaço de autoridade epistemológica. O silêncio de José pode ser pensado como fala de reinvenção de autoridade.

Sonhos modificam caminhos preestabelecidos, sugerem novas alternativas e interpretações para a vida. Através dos sonhos podemos vislumbrar aquilo que, convencionalmente, não seria percebido. Sonhos nos permitem ver a história ao revés, por trás das palavras. Sonhos são textos de alma para a recriação entre os homens empobrecidos e aprisionados a uma forma essencialista e sexista de masculinidade. Os sonhos redesenham, de forma frágil e errante, outros parâmetros e referenciais.

O texto nos abre a possibilidade de ruptura do silêncio de José quando o anjo lhe anuncia que dará o nome a alguém escolhido para uma missão muito particular, indicada no próprio nome: Jesus. Esta criança traz o nome de Deus Javé, que é, e está presente e salva. Essa criança salvará seu povo de seus pecados (v. 23). Para José no sonho é dito, que ele romperá seu silêncio para “nomear”.

Emprestando os passos metodológicos de uma teologia feminista e de gênero, lembramos que além de partir da realidade, no processo de desconstrução e reconstrução, da vida e do texto, é o exercício da nomeação o que permite gerar novas construções de gênero e, então, também novas masculinidades.

José é chamado em sonho a romper o silêncio, nomeando Jesus. Nomeando Jesus, José é chamado, em sonho, a nomear a si mesmo e aos homens subversivos da masculinidade dominante e hegemônica.

Nomeando Jesus, José nomeia, isto é, chama de volta para reconstruir sua vida, a vida de mulheres, crianças e outros homens empobrecidos. Nomeando Jesus, José nomeia o nome de Javé, o Deus que liberta e salva porque escuta, conhece, ouve e desce para libertar (Ex 3,7). Rompendo o silêncio, José nomeia o Homem Novo, nomeando assim o novo rosto de Deus em Jesus. Rompendo o silêncio, José nomeia o novo rosto de Deus no seu ser José, Novo Homem na relação com Maria, a Nova Mulher.

Este coração textual de nomeação nos traz de volta, a gênese da temática inicial de Mateus e da mesma perícopes (Mt 1,18-25). É da gênese de uma nova humanidade, mergulhada na Páscoa de Cristo, Evangelho de justiça ao empobrecidos e empobrecidas, que o evangelho de Mateus está falando.

A comunidade de Mateus possui plena consciência, na escrita do texto e na escrita da vida, de estar realizando um trabalho hermenêutico e querigmático. Tal se evidencia pelo acréscimo que a comunidade faz da citação de Isaías: “o que traduzido é Deus Conosco” (v. 23). O nome dado por José vai ser mudado.

Parece existir um desencontro entre o nome dado no sonho e o nome que a comunidade de Mateus vai usar, mas o desencontro é apenas aparente. José, Homem Novo, subversivo da masculinidade patriarcal e hegemônica, não está sozinho. Nenhum homem está sozinho nesta caminhada de recolocar ao mundo o mundo simbólico de “outras masculinidades”. Existe, neste processo de geração, um caminho relacional e comunitário. O texto nos diz que José não dá sozinho o nome a criança. Ele, através do silêncio e do sonho, gera uma nova palavra que se faz carne. Nomeando Jesus, nomeia a si mesmo. Nomeando Jesus, nomeia Maria e sua plena dignidade. Nomeando Jesus, nomeia a justiça para as pessoas empobrecidas. Nomeando, fazendo do corpo palavra, sabe, Novo Homem, que necessita. Conhece, compreende a ontológica essência humana que é necessitar da precisão. Necessita da comunidade de mulheres e homens novos, pascais, corpos ressuscitados, que, com ele afirme: Deus Conosco!

5.2.4. O desfecho da situação (v. 24-25)

“José, Ao despertar do sono, agiu conforme o Anjo do Senhor lhe ordenara e recebeu em casa sua mulher. Mas não a conheceu até o dia em que ela deu à luz um filho, e ele o chamou com o nome de Jesus” .

Estes versículos cumprem o papel de dar o desfecho da narrativa.

A noite, pelo menos a noite escura da masculinidade dominante, chegou ao fim. Com a experiência da Páscoa, a comunidade de Mateus vivencia a “noite mais clara do que o dia, a noite grávida de todas as alvoradas”.

O sonho de José e da comunidade no seguimento do Cristo Ressuscitado, produziu frutos de ressurreição: o Homem Novo, Jesus Cristo, é o Homem livre das amarras da lei, livre para amar e construir o Reino na construção da justiça para as pessoas empobrecidas.

Esta Humanidade, livre e liberta no Cristo ressuscitado, é José e é a comunidade.

Mas, José e a comunidade, não ficam impunes pela capacidade de silenciar e sonhar. O poder dominante de Herodes, do templo, de Jâmnia e de Roma não admite silêncios e sonhos, territórios fecundos da geração de outros poderes possíveis, poderes circulares e comunitários. Poderes não mais “sobre” as mulheres, as crianças, os empobrecidos e a natureza, mas “com”, “juntos”. Poderes que são acalentados e reforçados pelo poder de uma nova espiritualidade: o poder que é “desde dentro”. O poder dominante não admite silêncios e sonhos, territórios fecundos de corpos que reinventam História.

Assim a narrativa acaba não terminando em si mesma, mas abre-se para novos encontros. Encontros “outros”, de gente “outra”, estrangeira, de outra religião e maga, gente que consegue adivinhar e seguir o sonho frágil de uma estrela (Mt 2).

A narrativa que tem como objetivo fazer a comunidade sonhar e reinventar relações na experiência do Cristo ressuscitado, não termina simplesmente terminando: precisa de mais sonhos para inventar outro Egito de fuga e liberdade. Existem novos faraós que precisam ser vencidos para a defesa de crianças e empobrecidos. Para a defesa da Vida, primeira e última palavra sagrada (Mt 2,13-18).

A narrativa dos corpos, texto-tecido de almas, precisará de novos sonhos (Mt 2,19-23) para encontrar a Nova Terra Prometida para a mulher e a criança... a Galiléia... reconstruindo a história e as relações a partir das pessoas empobrecidas... Deus conosco!

6. Novos corpos em novos textos: História dos Sete Prodígios

Nunca houve mulher tão difícil nem homem mais mago entre a boca do rio das Amazonas e a Baía de Todos os Santos.

Sete prodígios teve que cumprir José para ganhar os favores de Maria.

O pai de Maria disse:

– É um morto de fome.

Então José abriu em pleno ar uma toalha de rendas, feita por mão de ninguém, e ordenou:

– Ponha-se, mesa.

E um banquete de muitas travessas fumegantes foi servido por ninguém sobre a toalha que flutuava no nada. E aquilo foi uma alegria para as bocas de todos.

Mas Maria não comeu nem um grão de arroz.

O rico do lugar, senhor de terra e de gente, disse:

– É um pobretão de merda.

Então José chamou sua cabra, que chegou pulando de lugar nenhum, e ordenou:

– Cague, cabra.

E a cabra cagou ouro. E houve ouro para as mãos de todos.

Mas Maria virou as costas para o fulgor.

O noivo de Maria, que era pescador, disse:

– De pesca não entende nada.

Então José, da beira do mar, soprou. Soprou com pulmões que não eram seus pulmões, e ordenou:

– Seque, mar.

E o mar se retirou, deixando a areia toda prateada de peixes. E os peixes transbordaram das cestas de todos.

Mas Maria tapou o nariz.

O finado marido de Maria, que era um fantasma de fogo, disse:

– Vou fazê-lo virar carvão.

E as chamas atacaram José por todos os lados.

Então José ordenou, com voz que não era a sua voz:

– Fogo, me refresque.

E se banhou na fogueira. E todo mundo ficou de olho arregalado.

Mas Maria fechou as pálpebras.

O padre do lugar disse:

– Merece o inferno.

E declarou José culpado de bruxaria e de pacto com o demônio.

Então José agarrou o padre pelo pescoço e ordenou:

– Estique-se, braço.

E o braço de José, que já não era mais seu braço, levou o padre para os ardentes abismos do universo. E todos ficaram com a boca aberta.

Mas Maria gritou de horror. E num piscar de olhos o longuíssimo braço trouxe de volta o padre chamuscado.

O policial disse:

– Merece cadeia.

E partiu para cima de José, cassetete na mão.

Então José ordenou:

– Bata, cassetete.

E o cassetete do guarda bateu no guarda, que saiu correndo, perseguido por sua própria arma, e sumiu de vista. E todos riram. E Maria também.

E Maria ofereceu a José uma folha de louro e uma rosa branca.

O juiz disse:

– Merece morrer.

E José foi condenado por desacato, violação do direito de propriedade do pai sobre a filha e do morto sobre a viúva, atentado contra a ordem, agressão à autoridade e tentativa de padrecídio.

E o carrasco ergueu o machado sobre o pescoço de José, que estava com mãos e pés amarrados.

Então José ordenou:

– Agüente, pescoço.

E o machado desceu, e o pescoço o despedaçou.

E foi uma festa para todos. E todos celebraram a humilhação da lei humana e a derrota da lei divina.

E Maria ofereceu a José um pedaço de queijo e uma rosa vermelha.

E José, vencedor despido, vencedor vencido, sentiu seus joelhos tremerem²⁸.

Recriar relações, recriar corpos e textos “cotidianos” de homens, faz-se tarefa permanente e contínua que, possibilite construir um novo imaginário de masculinidades, uma nova ordem simbólica, que tenha sua coerência na prática cotidiana, justa e incluyente de toda a humanidade.

Trazer a questão das masculinidades para dentro do debate da releitura bíblica de gênero, pode ser uma contribuição fundamental, para um processo dinâmico e envolvente, na construção e reconstrução de relações mais humanas. Percorrer esses caminhos é percorrer os caminhos da fábula, do “fabuloso”, do sonho... organizando nossos corpos para estarmos no mundo. Sonhando organizamos a maneira, ou melhor, organizamos novas e outras maneiras de como habitamos o corpo em que vivemos.

A “crise” do masculino, ou da masculinidade hegemônica, se dá no momento em que “outras” masculinidades se manifestam, quando sonhos tomam forma de corpos

28. GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes*. Porto Alegre: L&PM, 1994, p. 3-7.

de “outros” homens cotidianos, rompendo silêncios, tendo voz e nomeando, construindo uma nova humanidade masculina.

É preciso ser mago para ganhar os favores de Maria, para reconstruir relações de vida, de corpos por inteiro, de homens e de mulheres, para que possamos saborear um pedaço de queijo bem gostoso, sentir o perfume de uma rosa vermelha que nos acaricia todos os sentidos com sua beleza. É preciso ser mago para ganhar uma flor, um pedaço de queijo e o amor de uma mulher.

Este é um processo não fácil de ser assumido, requer muitos “prodígios”, sete são os “prodígios” a serem realizados por José e por todos os Josés desde a Galiléia até a Baía de Todos os Santos, parafraseando Eduardo Galeano. É preciso ser “mago” diante desse desafio. É preciso ser mago para reconstruir masculinidades, para percorrer outros caminhos, para poder ver de novo a estrela e ficar radiantes de alegria.

É preciso ser mago para poder reconstruir relações que, por tanto tempo, tanto tempo que nem me lembro mais, foram silenciadas nos corpos das mulheres, impedidas do prazer, caladas na voz, de percorrerem seus próprios caminhos, de se sentarem livremente em todos e qualquer lugar, de poderem fazer suas próprias escolhas e de participarem ativamente de todas e quaisquer decisões.

Precisamos desenvolver mais, insistentemente, a arte do adivinhar o ausente, o não-dito, o silenciado, o entre-dito, o mal-dito, as estrelas e as grutas... É o que faz a poesia e o sonho, na sua forma mais simples e feliz, é o que faz a ciência livre do dogmatismo. É o que faz o silêncio, livre das normas hierárquicas, dos códigos pré-estabelecidos para as palavras. É pelo silêncio e nomeação de José que minha vida e meu corpo de homem quis perguntar para a Bíblia, voltando-se para o pequeno texto do evangelho da comunidade de Mateus. Percebi que o ato de recriar relações é desafio de cada dia e que precisamos enfrentar o sistema masculino patriarcal, hegemônico e excludente.

A forma de José exercer sua masculinidade é contrária à prática masculina normativa e vigente de sua época.

Aqui gostaria de resgatar e de destacar uma das relações recriadas na casa de José, esposo de Maria, a casa não mais do “pai” – a *bet'ab* –, nem simplesmente a casa da “mãe” – a *bet'im* –, mas a “*oikoumene*”, a casa da acolhida de todas e de todos, das diferenças, onde se pode amar e ser amada e amado plenamente. É nessa casa, na casa de Maria e de José, que as relações são recriadas, relações de homens e mulheres novos. É nessa casa que Maria e José geram Jesus, homem novo, de relações novas e re-criadas. É nessa casa/*oikoumene* que cresce Jesus. É olhando para as relações da mulher/Maria e do homem/José que Jesus vai construindo sua masculinidade.

Nos apócrifos da Idade Média, séc. XIII a XV, chamados códigos Hereford e Arundel, encontrados em volta de 1927, no *British Museum* de Londres, José não é digno de credibilidade por parte de ninguém, ainda menos pelo pontífice Abiatar. Entre as varas de todos os homens postulantes o cuidado da Virgem Maria, a vara de José é a mais insignificante, porque é a mais curta. O bastão de José não é o bastão de Arão. O de José não é o bastão que floresceu para emudecer todas as pessoas que, em Israel, ousavam questionar a normatividade da lei deuteronomica atribuída a Moisés e ao Deus que falava exclusivamente para Moisés (Nm 17,21-25). Não. O bastão de José é diferente, para muitos, símbolo fálico de uma virilidade “purista” e, muitas vezes, di-

minuída. Para mim, símbolo de uma masculinidade recriada. A vara de José era a menor dos homens do santuário de Deus.

“Zacarias entrou, então, no santuário de Deus, com os doze sininhos pendurados na veste sacerdotal, e ofereceu para Deus um sacrifício. Enquanto estava rezando, apareceu um Anjo do Senhor que lhe falou: ‘reúna todos os homens viúvos da tribo de Judá, cada um traga o seu bastão. Confiarás Maria ao homem ao qual pertence o bastão onde o Senhor manifestará um sinal’. Foram, então, avisados todos os homens da tribo de Judá, para que no dia seguinte, aqueles que se encontravam, ainda sem mulher, fossem levando na mão o próprio bastão. Aconteceu então que José deixando o machado, pegou o bastão e, sendo ele já idoso, partiu com os homens mais novos. Todos se reuniram ao redor do sacerdote, e cada um deu o seu bastão para o sacerdote. O sacerdote os tomou e entrou no santuário para interrogar o Senhor: ofereceu um sacrifício e orou. Terminada a oração, o anjo do Senhor disse ao sacerdote: ‘introduza todos os bastões no Santo dos Santos, que permaneçam lá até de manhã. Ordene aos homens que, ao amanhecer, cada um venha pegar de volta o seu bastão. Quando cada um terá recebido o seu bastão, de um deles sairá uma pomba que voará no céu. Confiarás o cuidado de Maria para o homem cujo bastão dará este sinal’. No dia seguinte, todos foram bem sedo ao santuário. O pontífice tendo entrado no Santo dos Santos, ofereceu a oblação do incenso, tomou os bastões para a distribuição, deixando o bastão de José. José, humilhado e entristecido, saiu para fora. Levados fora os bastões, o pontífice dava para cada homem o seu bastão: mas em cada bastão não tinha sinal algum, não saindo pomba alguma de nenhum bastão. Então o pontífice Abiatar vestiu os doze sininhos sacerdotais, entrou no Santo dos Santos, fez o sacrifício e repetiu a oração. Enquanto orava apresentou-se o Anjo do Senhor que lhe disse: ‘aquele bastãozinho curto que abandonaste aqui sem levar em conta e que não levaste para fora com os outros, justo aquele, quando levares para fora e o restituíres ao homem ao qual pertence, demonstrará o sinal do qual falei’. E esse era o bastão de José.

O sacerdote o tinha deixado porque não considerava significativo um homem modestamente vestido e, sendo José idoso, pensava que esse não pudesse nem pedir e nem receber Maria. Estando José em silêncio, humilde e último da fila, o pontífice Abiatar gritou em voz alta: ‘venha José pegar o seu bastão porque tu és destinado a glória da incorruptibilidade eterna’. Ao ouvir as palavras do sacerdote, último entre todos, José se aproximou, tomou o seu bastão e apareceu o sinal: eis que uma pomba belíssima, branca como a neve, saiu do bastão de José e pousou sobre a sua cabeça. Depois de ter voado longamente sobre a moldura do templo dirigiu-se até o céu. Todo povo alegrava-se com o velho, dizendo: ‘em tua velhice fostes proclamado feliz, porque Deus te fez idôneo para receber Maria’²⁹.

29. Códigos Hereford e Arundel [A 28], IN: MORALDI, Luigi (org.). *Tutti gli apocrifi Del Nuovo Testamento-Vangeli*. Casale Monferrato: Piemme-religione, 2003, p. 197 e 199. Veja também *A história do nascimento de Maria. Proto-Evangelho de Tiago*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1988, p. 41-42.

Penso que a personagem de José se apresenta como uma nova possibilidade de masculinidade.

José representa, também, o “comum” entre a prática de um grupo significativo de homens empobrecidos e marginalizados na sociedade de seu tempo. Exercício de resistência, aprendiz. Essa “nova” masculinidade em José, questiona e ameaça o poder social e religioso daqueles homens que representam a masculinidade dominante. Sua prática de “Novo Homem” transgride as leis e os costumes estabelecidos e fixistas. Sua prática de “Novo Homem” questiona a raiz das estruturas simbólicas de tipo patriarcal, tornando-as mais humanas, includentes e justas.

Da prática de José, então, podemos chegar, ao chão de onde surgiu o jeito de Jesus viver sua masculinidade. Na vivência de novas relações na “casa” de Maria e José. Na masculinidade recriada em José, encontramos, assim, presença e possibilidade de uma outra masculinidade, na qual foi construída a prática do “Homem Novo”, na pessoa e no projeto de Jesus de Nazaré, seu filho.

Assim, podemos dizer: José e Maria geram Jesus – “Homem Novo” – com seu jeito novo de ser homem e de viver sua masculinidade, com sua crítica a sociedade patriarcal, hegemônica, dominante, adultocêntrica e androcêntrica, de sua época. É na “casa” e na companhia de José e de Maria que Jesus aprende a ser homem, recriando relações, construindo corpo acolhedor e projetos includentes e justos. Projeto e prática comum, assumida pelas comunidades seguidoras de Jesus.

Sete, foram os prodígios para José ganhar os favores – um pedaço de queijo e uma rosa vermelha – de Maria. Sete, são os prodígios necessários para recriar relações. Para recriar corpos... para recriar tecidos/textos de vida.

Setenta vezes sete serão os prodígios necessários para reconstruirmos masculinidades, para que os Josés-homens encontrem os “favores/amores” das Marias-mulheres. A vida toda. A cada dia... dia-após-dia... para isso acontecer será necessário construir novas, outras relações. Novas, “outras” masculinidades...

Os “favores-amores” da Vida não mais alicerçada na violência...Assim seja.

Hermes Tonini
Praça Miguel Baby 111
88590-000 Anita Garibaldi, SC
hermestonini@ibest.com.br